

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

“A VANGUADA DO ENTUSIASMO, CONFIANÇA E CRENÇA”: sociabilidades e identidades nos salões do Ideal Club (1903-1920).

Kívia Mirrana de Souza Pereira

SEDUC – Secretaria de Educação e Desporto (AM)

prof.kiviamirrana@gmail.com

RESUMO: A proposta da apresentação no simpósio temático busca debater sobre a história do lazer (ou recreação - termo usado frequentemente no século XIX e XX) na cidade de Manaus. A partir da análise sobre a formação associativa do Ideal Club, frequentado por desembargadores, coronéis e comerciantes, notamos os valores forjados e praticados nos gostos, nas programações, nas roupas, nas festas, nos comportamentos, onde os espectadores pareciam seguir os compassos de uma valsa que compunha a diversão, o prazer, a alegria e o contentamento em um ritmo desenfreado causado pelo “transe lúdico do fetiche-mercadoria” da burguesia, a principal marca das relações sociais e tudo que se forjava na vida contemporânea. Isto posto, esses segmentos protegiam o seu espaço e reforçavam os seus valores também em suas festividades e sociabilidades, evidenciando que suas marcas e expressões na cidade se fizeram nos ritos, nas arquiteturas, modos e estilos de vida no gesto distinto para construir uma tradição em torno de si e para si.

Palavras-chaves: Clube Recreativo; Manaus; Elites.

A presente comunicação integra a minha dissertação de mestrado “As elites se divertem: identidades e sociabilidades dos clubes de elites em Manaus (1903-1920)”, no qual busco analisar as formas de interações sociais realizadas nos espaços recreativas em seus aspectos associativos com o uso do recreio e do tempo livre para a organização, afirmação de poderes, status e distinção das elites frequentadoras desses locais.

A investigação sobre os clubes de elites parte da resposta, por assim dizer, das fontes ao revelarem que ao menos duzentas novas agremiações foram criadas na cidade de Manaus entre os anos de 1854 a 1920, caracterizando no século XX uma “maré dos clubes” (A FEDERAÇÃO. Manaus, 26 de setembro de 1900). É claro que o número se mostra expressivo ao observarmos que a cidade de Manaus, no ano de 1872, não possuía mais que 58 mil habitantes, no qual 55.411 pessoas eram brasileiras e 2.199 eram estrangeiras, segundo os dados do IBGE. Graças ao desenvolvimento e

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

investimento econômico e comercial oriundo da exportação da borracha, produto nativo dos grandes seringais, mas que servia como base para a indústria a nível internacional para a consolidação e enraizamento da “Era dos Impérios” (1988), como diria Eric Hobsbawm. Assim, a cidade de Manaus, oriunda de uma antiga aldeia tapera, com uma zona comercial muito tímida e limitada, modificou-se rapidamente e passou pelo fetiche da mercadoria na intensificação do consumo da arte, da cultura europeia, das vestimentas estrangeiras e por que não do esporte, do lazer e do recreio? O consumo e a mobilidade em torno da modernidade e civilização a consagrou como a ilusória “Paris dos Trópicos”, onde as elites não apenas se divertiam, mas consolidavam seus estilos de vida pautados nas diferenças de classe, de raça (já que os esportes, as danças e as músicas buscavam apagar as tradições e culturas indígenas locais) e na distinção dos direitos entre os possuidores dos direitos à diversão dentro dos clubes *versus* os perseguidos pela prática de jogos de azar dentro dos clubes ou recreação nos bares dos subúrbios da cidade.

Inseridos dentro de uma lógica de constante vigilância, a cidade os clubes pertencentes às elites locais deveriam cumprir todos os requisitos exigidos pelos códigos de postura, pois além de servirem para a reunião e sociabilidade dos governantes, administradores e investidores, passariam a ser um modelo de práticas e comportamentos que deveriam ser seguidos pelos clubes dos subúrbios, bares, botequins, festas e bailes dos grupos marginalizados que tinham a sua recreação ameaçada e fiscalizada por alegações de bebedeiras, brigas, práticas de jogos ilícitos, prostituição e ociosidade. A exemplo desse caráter disciplinador, em 1913, o delegado de polícia do 1º Distrito da Capital, o Dr. Freitas Barros, puniu o clube O Radiante, que mesmo sendo um clube de elite, ainda praticava os jogos de bicho, podendo assim “corromper” os bons costumes das elites locais:

Há, de certo, nesse ato uma providência que se fazia necessária, e uma prova de que a polícia civil está com efeito empenhada em expulgar a sociedade manauense de todos esses hábitos prejudicialíssimos que a deslustram, sendo causa frequente de acontecimentos deploráveis e de fatos e cenas pouco edificantes.

Em verdade, já não é pouco o que tem feito em tal sentido. A brilhantíssima campanha contra o jogo de bicho, que deu azar a se registrarem efeitos profícuos, é uma afirmativa a tudo isso e um motivo para que possamos ainda esperar muito de seus esforçados e boa vontade.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Em vista disso, é perfeitamente condizente julgar que não atingirá somente o clube elegante da rua Barroso a mão normalizadora da polícia.

Por ali fora, atrás de cortinas, em outros clubes elegantes, em reservados de botequins, o jogo, segundo nos informam, impera sem peias, descomedidamente. (JORNAL DO COMÉRCIO. Manaus, 9 de fevereiro de 1913).

Mas havia um clube, fundado em 06 de junho de 1903, que passou a ser a própria representação de requinte daquilo que elites almejavam, como prestígios e *status*. Com esperanças de alegria, beleza, dança, prazer e gozo, o *Ideal Clube* foi criado com os apurados do bom gosto, bom humor e distinção, como as notícias nos jornais costumavam divulgar. Surgia, assim, um dos principais clubes sociais da cidade que agregava as práticas esportivas, literárias e dançantes em suas ofertas de diversão ao público e para a alta sociedade.

No que se refere aos fundadores, desde o seu surgimento, o *Ideal Club* contou com a efetiva participação de interessantes nomes da política, do magistado e do comércio. Um dos mais consideráveis atuantes no campo político no final do século XIX, foi o Coronel Francisco Público Ribeiro Bittencourt, irmão de Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt. Esse último foi prefeito de Manaus em 1891, três vezes deputado federal, senador eleito em 1903 (mas não empossado), vice-governador em 1904 e governador do estado, em 1908. O que nos faz entender que diante dessa força e atuação política, o sobrenome “*Bittencourt*” tornou-se um dos mais influentes entre as elites locais e o *Ideal Club* nasceu justamente na casa e dos salões dessa família, causando uma proximidade e até mesmo vinculação entre a esfera do recreio com a vida íntima e privada, mas também política e pública. No mesmo caminho, o Coronel Francisco Bittencourt foi um dos destaques no clube e na sociedade manauara. O coronel foi, segundo a memória de Agnello Bittencourt,

Destacado no magistério e nos mais diversos cargos públicos, exerceu as funções de secretário de negócios no governo do coronel José Cardoso Ramalho Júnior, no período de 1898 a 1900 e nos anos de 1908 a 1912 foi secretário geral no governo de seu irmão, coronel Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt. No serviço militar, exerceu o posto de comandante superior da Guarda Nacional do Estado. No meio político, foi eleito deputado estadual pelo Estado do Amazonas, tendo ainda ocupado o posto de redator-chefe do Jornal do Amazonas (ANTONACCIO, 2003, p.37).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Esse indicativo de nomes estatais presentes na fundação do clube apenas sinaliza para o contingente dos grupos elitistas e a representação social dos diretores e sócios efetivos na vida associativa da agremiação. O percentual dos grupos representava que, ao menos, 36% dos diretores eram pertencente a elite magistrada, sendo compostas por desembargadores e juizes nas cadeiras do clube. Enquanto 36-35% eram comerciantes com cadeiras no clube e também na Associação Comercial do Amazonas, ACA. Por fim, ainda tempos uma elite com formação militar que representava ao menos 15% dos diretores do clube (PEREIRA, 2021, p.82). É claro que os cargos públicos não ficaram limitados a esfera burocrática, ao contrário, verificamos que as ideologias marcaram a vida da associação na afirmação dos conchaves políticos locais, uma vez que esses grupos eram homogêneos nos cargos legislativos e certamente utilizavam das sociabilidades forjadas dentro dos salões do Ideal para conseguirem sua base eleitoral, rede de apoio e recrutamento político e fraterno.

As páginas da revista do Ideal Clube eram usadas constantemente para a propagação de valores como perseverança e trabalho. Na escrita dos artigos, as normatividades da agremiação, antes de serem restritas ao seu conjunto de sócios, partiam de um reflexo das crenças partilhadas pela sociedade e suas elites como forma de representação das suas distinções perante as demais. Essa distinção tinha o sentido de evidenciar os princípios morais tanto de quem os formulava, quanto de grupos que os praticavam e de interessados em sua implementação. O artigo intitulado *Perseverança e trabalho*, evidenciam que os jovens idealinos representavam “a esperança da pátria”, em virtude de defenderem a perseverança e o trabalho como suportes e modelos para as associações:

PERSEVERANÇA E TRABALHO: São estes dois esteios fortíssimos em que devemos nos firmar; acentuadamente nesta boa terra, onde as sociedades têm tido fins bem funestos, morrendo quase todas ao nascer, os elementos com que epigrafamos estas linhas serão muitíssimo essenciais (Jornal Ideal Club. Manaus, 04 de setembro de 1904).

Se o trabalho aparecia como esteio, outro artigo, disponibilizado no mesmo jornal da agremiação, intitulado *Uma dúvida*, o autor Etedo (pseudônimo), ressaltava que pelo pouco que se tinha feito e pelo muito que faltava fazer, haveria um diferencial no clube: o estímulo, tributo tão precioso que buscava legitimar a existência das agremiações.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Este estímulo impulsionava o Ideal Clube a propagar os valores como trabalho e perseverança para os associados manterem a sua vida no clube, assim como era estimulado a abrir os seus salões para que as tradições burguesas, as relações privadas e as representações públicas fossem executadas com as danças, as músicas, as ginásticas e outros esportes, tornando essas práticas como expressões vivas do estilo de vida, das posições sociais e até mesmo dos privilégios previamente garantidos. Isto posto, esses grupos protegiam os seus espaços e reforçavam os seus valores com as suas festividades e as suas sociabilidades, imprimindo suas marcas e expressões nos ritos, nas arquiteturas, modos e estilos de vida para construir uma tradição em *torno de si e para si*.

O Ideal Clube buscava proporcionar aos sócios o máximo convívio e relações por meio de saraus dançantes, reuniões íntimas e particulares, carnavais, conferências literárias e científicas, festas patrióticas e aniversários do clube. Em seu estatuto de 1915, ainda prometia os torneios de qualquer natureza (jogos de bilhar, *lawn tenia*, futebol), mas sabemos que isso não foi possível, pois à época, as sedes do clube não garantiram espaços suficientes para a realização de tais atividades. Mas, o Ideal aproveitava-se de suas parcerias para a realização de quaisquer outras atividades esportivas – incluindo o ensino de dança, regatas, música, ginástica, natação, tiro ao alvo, velocipédica, patinação, jogos malabares, esgrima e qualquer outro esporte (Estatuto do Ideal Clube, 1915) fora do clube. Com essa informação, pudemos fazer um levantamento e catalogação das atividades realizadas no clube e veiculadas nos periódicos locais³⁹⁹, em que pudemos perceber que as programações ofertadas ventilavam algumas ideias atreladas a modelos sociais em vigor, dentre as quais a eugenia, darwinismo e positivismo entre os anos de 1903 a 1920.

Quadro 01: Principais encontros e festividades que ocorreram no Ideal Clube (1904-1920)	
Tipo de encontros	Números
Partidas dançantes (sarau, soirée, festas íntimas ou familiares)	61
Encontros com fins associativos	54
Conferências Literárias	24
Aniversários do Clube	17
Bailes à fantasia no Carnaval	16
Festas Patrióticas	10
Teatros e Concertos Musicais	10

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Fonte: Jornal do Comércio (1904-1920). Dados catalogados pela autora.

Pelo levantamento, podemos observar que os tipos de festividades mais promovidas pela agremiação eram as partidas dançantes: os saraus, que se caracterizavam por reuniões maiores e abertas, ou, as partidas mais íntimas e familiares. No período em levantamento, foram realizadas sessenta e uma partidas dançantes em que se pode somar ou incluir os aniversários da associação. Esses, por sua vez, geralmente eram celebrados anualmente nos dias 06 de junho e tinham como objetivo marcar e simbolizar a data em torno daquilo que os sócios e simpatizantes chamavam de “tradição idealina”. As comemoração e atos, na verdade, revelam a eficácia que as práticas dançantes tiveram ao “inculcar valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente uma continuidade em relação ao passado” (HOBSBAWM, 2008, p. 09) que fará do clube uma referência social e local. Seguindo um determinado ritual, percebe-se que o prestígio de participar dos eventos e saraus dançantes, além de estar associado monetariamente ao coletivo e ao clube, manifesta a verdadeira honra e distinção do que é ser um idealino: partilhar os valores do grêmio era caracterizar a própria respeitabilidade social, sendo que a elite era a sua maior propagadora.

Sobre cinquenta e quatro reuniões e atividades associativas, sem fins recreativos, pelo Ideal Clube e por entidades parceiras como a Associação dos Empregados do Comércio do Amazonas, a Associação dos Proprietários de Prédio, a Associação Comercial, a Sociedade de Tiro nº10, o Grêmio Paraense, o Hispano Amazonense, o Club Naval, a Associação de Pilotos, o Instituto de Proteção à Infância, o Comitê de aviação do Amazonas, o Funcionários Públicos do Amazonas, a Assembleia Literária, o Grêmio Lítero-Cívico Rui Barbosa, a Sociedade Cruz Vermelha Italiana que utilizavam os salões do clube por não ter suas sedes físicas e/ou por possuir vínculos próximos com os diretores que permitiam uma abertura maior à essas sociedades sem a cobranças de taxas ou exigências de benefícios para o desfrute do espaço. As atividades tinham a finalidade de discussões e resoluções sobre os estatutos, a realização de assembleias gerais, as eleições anuais de diretorias, os debates sobre os rumos das agremiações e/ou reuniões organizativas para o preparo de alguma atividade beneficente ou patriótica.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Os bailes à fantasia ou de máscaras nas épocas de carnaval, as homenagens de outras agremiações ao clube, as conferências literárias e as festas patrióticas sempre traziam em suas programações as danças de salão como parte das cerimônias e rituais dentro da sede. Diferentemente de outros clubes e agremiações, que tinham os eventos esportivos como carro-chefe, as diversões no Ideal Clube tinham sua identidade forjada nos seus salões. Assim, os salões representavam um dos núcleos essenciais da vida e da sociabilidade das elites vinculadas à agremiação mesmo nas festividades como o carnaval em que as elites só apareciam nas ruas para acenar dos seus carros alegóricos.

A mediação e controle das elites sobre os espaços foram feitos para a garantia de seus interesses em se fazer notórias suas condutas e façanhas. Por definir os seus espaços e áreas de atuação, as elites da cidade garantiram o seu prestígio de forma majoritariamente distintiva. Não apenas por possuírem recursos financeiros ou posições nas administrações públicas do Estado e do comércio, mas ao se apropriarem de danças, musicalidades, modas e costumes europeus ao incorporar essas artes à Amazônia, ao expropriar espaços e ao estabelecer limites entre o povo e até mesmo entre si. Tais grupos certificaram-se que suas arenas e modos fossem orquestrados para o seu serviço e para o seu lazer de forma habilidosa, sutil, porém sólida na construção de um imaginário utópico, de uma *belle époque* sem conflitos ou sem relações desiguais. Assim, os hábitos da cultura local foram denegados em prol de um caminho fértil que atingiu seu apogeu sob os lemas de ordem, progresso e civilidade a tal ponto que as conferências manifestavam a consolidação do debate em torno de tal projeto.

O modelo que vemos atingir o clube são as conferências públicas que, de fato, não representavam nenhuma novidade a nível nacional. Os conferencistas, conhecidos como o grupo seleta de homens das letras ou da ciência, eram literatos, jornalistas, professores, artistas, médicos ou magistrados que se dedicavam e sobreviviam dos seus estudos e trabalhos. Tais intelectuais aproveitavam da efervescência tecnológica e científica para divulgar as suas pesquisas, artes e estudos para buscar apoios civis e financeiros em instâncias paralelas como os jornais, os clubes e os teatros que contavam com a presença das elites comerciais, jurídicas e financeiras, assim como o comparecimento de governadores e administradores das pastas de instrução, higiene e

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

tesouro que poderiam ter acesso de forma lúdica, comprometida e eloquente aos temas apresentados.

Entre os anos de 1906 e 1920, por exemplo, ocorreram ao menos vinte e três conferências e debates científicos nos salões do Ideal Clube com os seguintes assuntos: gênero, evolucionismo, literatura, história, política regional e nacional, biologia, artes.

O solo apresentava-se fértil para o desenvolvimento dessas ideias, pois com a riqueza e circulação monetária da produção da borracha e dos ramos industriais poder-se-ia apresentar um projeto de progresso institucional, educacional, moral e cívico com propósito de distanciar-se das impressões de Aldred Russel Wallace que, ao se referir sobre os menos civilizados, apontou que “não conhecem outra diversão a não ser beber e jogar; A maior parte deles jamais abriu um livro e desconhece tudo e qualquer tipo de ocupação intelectual” (DIAS, 2007, p.58). Essa imagem ainda assombrava a República que incentivava a alfabetização, aprendizagem e intelectualização das elites e dos seus filhos/as, em especial quando nos deparamos com o recenseamento geral de 1890, no qual Dias identifica 30.910 analfabetos de uma população de 38.720 habitantes (2007, p.49). Assim, a instrução, o letramento e a educação eram os alicerces de esperança e incentivo para o espírito civilizado, ilustrativo e artístico para o povo brasileiro, julgado até então por sua falta de disposição nacional:

Mais claro, mais positivo, sem, todavia, deixar de ser justo, é o Sr. José Veríssimo¹: A literatura é, em regra geral, de todas as manifestações do espírito de um povo, aquela por onde melhor podemos ajuizar da sua vitalidade; ora, não há, dos povos civilizados ao menos, um que tenha em menos conta a sua literatura do que o brasileiro; isto é, um que menos caso faça da tradução ou antes da reprodução escrita do seu próprio sentir e pensar. Este povo, pois, tão profundamente inconsciente, que mais parece uma simples aglomeração de gente do que uma nação, não tem direito, senão por uma aberração de espírito, de falar em nacionalidade (Ginásio Amazonense, 1896, p.22)

¹ José Veríssimo junto com Machado de Assis foram as figuras que atuaram na fundação e primeira geração da Academia Brasileira de Letras. A marca inicial da ABL, como disserta João Paulo Coelho de Souza Rodrigues, é de que “na busca por forjar um novo entendimento para sua atividade, os acadêmicos queriam o reconhecimento da criação literária, adotando o distanciamento ante a sociedade, não aceitando nem a marginalidade nem o engajamento. A saída foi torná-la um salão polido e sagrado, marcado por rituais que reforçassem o seu caráter estritamente literário e de culto do estilo, portanto independente de injunções exteriores”. Sendo assim, temos a defesa dos valores e critérios científicos, assim como a defesa pela representação da cultura nacional endossada na literatura e educação. (RODRIGUES, 2003, p.28.)

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O verdadeiro sentido das críticas de José Veríssimo, nas palavras de Justiniano de Serpa, correspondia ao teor educacional a ser inculcado por um plano de civilização para viver numa sociedade ilustrada e elegante, assim como para formar cidadãos para a pátria (SILVEIRA, 2008, p.70).

O almejado triunfo do sentimento nacionalista só poderia ocorrer se o Estado pensasse a educação como princípio norteador, pois isso significava a “ação e arte de desenvolver as faculdades físicas, intelectuais e morais da criança ou do moço, na conformidade de certos princípios e dando-se a essas faculdades uma direção fixa e habitual” (Ginásio Amazonense, 1896, p.22). Entretanto, como isso ocorreria? Seria através do desenvolvimento do projeto de tradição iluminista, centralizado no aperfeiçoamento do indivíduo, do homem, tido como autorreferente em uma visão unitária de humanidade ou seria no empenho e prosseguimento dos projetos generalistas com a noção de povos, raças e nações que principiavam o darwinismo como justificativa de questões sociais? A resposta requer inúmeras outras reflexões, principalmente no que se refere às concepções, os debates e os interesses dos projetos em voga pelos conferencistas. Tais homens colocavam os assuntos de raça e nação como intrínsecos para compreensão do período que corresponde o desempenho dos intelectuais atuando em favor da “agitação política pela ideia nacional” (HOBSBAWM, 1990, p. 21), ou, utilizavam-se das datas de processos políticos importantes para celebração e/ou inculcação os ideais e referências nacionais, como a festa em honra ao conferencista Raul de Azevedo, no dia 13 de maio de 1917, data que rememorava a assinatura da Lei Áurea:

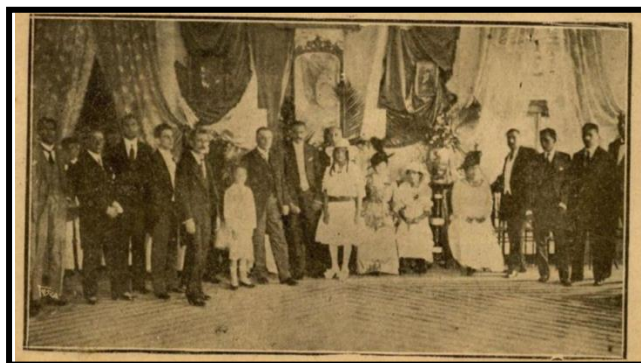


Imagem 24: No Ideal Club, a festa em honra de Raul de Azevedo no dia 13 de maio (Revista *Cá e Lá*. Ano 2, n. 9, maio 1917).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A ideia foi justamente mostrar o espírito e o estímulo que nutriam essas elites para trabalharem em prol do clube e abrirem suas portas às homenagens públicas e para os princípios nacionais. Por esse motivo, além de dançarem e alegrarem-se ao som e compassos de músicas mundialmente reconhecidas ou até mesmo ostentar o seu poder festivo nos carnavais da cidade, tinham um objetivo certo: evidenciar quem eram os escolhidos da nação ou os privilegiados de uma sociabilidade burguesa. E, como tais privilegiados, além de representarem essas vanguardas, ainda exclamavam em alto e bom som: “e todos unidos desfraldando a nossa bandeira, cujas cores representam a esperança viva no futuro e a simplicidade e asseio esmerados em nossas ações, bradamos bem do íntimo d’alma: pra frente!” (Jornal Ideal Club. Manaus, 24 de setembro de 1904). Ou seja, por trás de cada “Ideal” houveram grandes interesses e crenças que bailaram e festejaram em um grande salão social de diferenças, onde as elites se divertiam.

Referências Bibliográficas:

- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Edusp, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 14 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- DAOU, Ana Maria. **A Cidade, o Teatro e o Paiz das Seringueiras: práticas e representações da sociedade amazonense na virada do século XIX**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2014.
- DE MATOS, Maria Izilda Santos. Por uma história das sensibilidades: em foco a masculinidade. **História: questões & debates**, v. 34, n. 1, 2001.
- DIAS, Edineia Mascarenhas. **A ilusão do fausto: Manaus 1890-1920**, Editora Valer, 2007.
- Ginásio Amazonense. **Cadeira de Literatura Nacional: Dissertação e teses de concurso. Apresentadas a respectiva Congregação por Justiniano de Serpa**. Manaus, Tipografia A Federação, 1896.
- HEINZ, Flávio M. **Por outra história das elites**. FGV Editora, 2006.
- HOBBSAWM, E. A invenção das tradições. **A invenção das tradições**. Trad. Celina C. Cavalcante. [título original: *The invention of traditions*, 1983.] São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.
- HOBBSAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1990.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

HOBBSAWM, Eric. **A era dos impérios: 1875-1914**. Editora Paz e Terra, 2015.

PEREIRA, Kívia Mirrana de Souza. Além da diversão: Entre identidades e sociabilidades das elites no Ideal clube (Manaus, 1903-1920). In: Queirós, César Augusto Bubolz; Moura, Anderson Vieira; Leal, Davi Avelino (Orgs.). **90 anos da ‘Revolução de 1930’**: III Jornada de Debates em História. Manaus (AM): EDUA, 2021.

RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. **A dança das cadeiras: literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)**. 2ª ed. Campinas – SP, Editora da Unicamp, 2003, p.28.

SILVEIRA, Cássia Daiane Macedo da. **Dois pra lá, dois pra cá: o Parthenon *Litterario* e as trocas entre literatura e política na Porto Alegre do século XIX**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.